

## Mal líquido: vivendo num mundo sem alternativas

Liquid evil: living in a world without alternatives

Malvado líquido: vivir en un mundo sin alternativas

**Leonardo Mendes Bezerra** - Universidade Estadual do Maranhão | Departamento de Educação | Balsas | MA | Brasil. E-mail: [lydimo@live.com](mailto:lydimo@live.com) 

BAUMAN, Zygmunt; DONSKIS, Leonidas. **Mal líquido**: vivendo num mundo sem alternativas. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2019.

No livro “*Mal líquido: vivendo num mundo sem alternativas*” – estruturado em quatro capítulos – Zygmunt Bauman estabelece um diálogo com Leonidas Donskis e apresenta uma nova tipologia do mal, amplamente disseminada e menos percebida pelas pessoas. A obra introduz o tema do mal líquido, que se configura no disfarce de ausência de alternativa (NHA), no dinamismo aparente, alimentado pela liberdade controlada, crenças fatalistas, pessimismo massificado e atitudes consumistas e de autorrenovação, constituindo uma cadeia de ações devastadoras no indivíduo. As tecnologias de comunicação e informação potencializaram a separação das pessoas da convivência física e social, pondo em xeque a privacidade humana com o exaurimento dos segredos e dos detalhes íntimos das vidas pessoais, disponíveis nos *bites* e *bytes* carregados e controlados pelos sistemas digitais, da sociedade em rede, controlada pelo mal.

No primeiro capítulo, “*De pessoa a não pessoa? Mapeando a culpa, a adiáfora, a precariedade e a austeridade*”, Donskis utiliza-se do pensamento de Jaspers para apresentar a diversidade no entendimento de culpa, que pode ser criminal, política, moral e metafísica, indicando que a filosofia política hegemônica atua como instrumento para silenciar os sujeitos pelo excesso de culpa. Percebe-se que inicialmente, calar os pensamentos e a reflexão dos indivíduos é retirar os direitos conquistados pelo povo, é não proporcionar uma educação integral e de qualidade. Embasado nesse pensamento, o mal na sociedade moderna traveste-se

• Recebido em 29 de agosto de 2019 • Aprovado em 02 de outubro de 2019 • e-ISSN: 2177-5796

de diabo que abertamente, desvaloriza a vida, o respeito, a dignidade e o humanismo. Somado a todos esses elementos tem-se o ódio para a morte da liberdade e para potencializar o egoísmo. Analogicamente compreende-se que o mal da modernidade é um fenômeno mundial e existe uma possibilidade de alternativa para amenizá-lo, considerando que combatê-lo plenamente é uma utopia.

Os fatos ocorridos no Brasil, embora não estejam elencados na referida obra, como, por exemplo, a tentativa de adoecer a liberdade com o pensamento desestruturado, embebecido no ódio político e social, que observou-se na campanha para presidência do Brasil ocorrida em 2018, desvalorizando a diversidade de pensamentos, opiniões e ideologias. Essa analogia coaduna com o pensamento dos autores, ao destacarem que o mal líquido personifica-se nas ações imorais, oportunistas dos políticos disfarçados de nacionalistas, os quais desprezam os direitos humanos (dignidade e liberdade).

Mas onde se abriga o mal líquido? O mal está camuflado na essência da convivência das pessoas e é reproduzido no cotidiano social com mais dificuldade de localizá-lo e removê-lo. Os meios de comunicação, por meio das publicidades, por exemplo, têm impulsionado o fenômeno da lavagem cerebral, cujo processo de mudança profunda de pensamento, provoca ações disfarçadas em bênçãos, ou seja, a informação está acessível às pessoas que valorizam o imediatismo, que se atêm as leituras aligeiradas, que proporcionam a elaboração de conclusões frágeis e reduzidas de criticidade. Conectado a isso, a adiafora, que pode ser entendida, em sua essência, como um termo que define temáticas que não possuem relevância ou que se afastam de quaisquer conclusões, proporciona a neutralização axiológica, e não passam por avaliações. Nessa perspectiva, os objetos adiaforizados não são considerados e se inserem em categorias de vitimização colaterais. Vivencia-se corriqueiramente, que a adiaforização é uma rejeição da dimensão ética, nas relações pessoais, é o estar-no-mundo com ação neutra, sendo que os pensamentos e comportamentos podem ser manipulados por uma ideologia hegemônica vista como verdade universal e inquestionável.

Os autores também salientam que o desencadeamento de uma economia consumista, estimulada pela busca do bem-estar individualizado e egoísta é resultado da proposta do capitalismo. O capitalismo fundamenta-se na necessidade do bombardeio de informações para fragilizar as atividades críticas e reflexivas das pessoas (COVACO, 2010). Bauman e Donskis explicam que nos países bálticos e conseqüentemente nos demais países, o mal líquido rompe o

estado de insegurança e provoca medos nas pessoas, como estratégia de interesses políticos e comerciais, sendo insaciáveis por extrair vantagens dessas condições. Nesse aspecto, observa-se o quanto as pessoas introduzem nos seus lares os dispositivos eletrônicos de segurança, uma vez que as políticas de segurança pública não oferecem a devida proteção.

No capítulo “*De Kafka a Orwell? Guerra é paz e paz é guerra*”, têm-se as explicações com base na literatura e nas produções cinematográficas, no sentido de explicar que as metodologias de manipulação e condicionamento são estratégias utilizadas eficazmente, pelas ditaduras, pelos Estados corruptos e pelos regimes violentos, muito mais que propriamente pelas democracias. Os estudiosos acima destacam a figura importante de Kafka, escritor alemão do início do século XX, bem como Orwell, escritor e ensaísta político inglês. O primeiro, considerado um profeta do diabo na política, por suas obras conterem temas e exemplos de violência física e psicológica, conflitos e missões apavorantes e contornos burocráticos, detendo, assim, a esperança da existência de uma alternativa para as pessoas e instituições. Do outro lado, Orwell, que valoriza a individualidade, apontando a força poderosa da mídia em controlar espaços e realidades, detendo, portanto, a ausência de alternativa, que se propaga pela via da intimidação, da desconfiança das pessoas, gerando o medo, entendida como uma ameaça que resultaria no colapso da sociedade. Diferentemente do poder duro, representado pelo pensamento de Kafka, utilizado por ditaduras e regimes violentos, é impositivo, amplia a força, a selvageria e a coerção, como foi o caso da barbárie do nazismo na Alemanha, o fascismo na Itália e outros regimes políticos ditatoriais que utilizaram a coerção para controle social. Já nas democracias, o poder brando, ora representado por Orwell, induz a capacidade de sedução e tentação, potencializados pela mídia da economia consumista, que manipula as mentes humanas, constroem histórias de sucesso e fabricam heróis para controlar a imaginação dos indivíduos, desencadeando a insatisfação social com alcance para a insatisfação personalizada. A visão de Donskis foi compendiada por Baumam, quando destacou que “A democracia em sua prática atual é mais huxleyana à orwelliana”, por conseguir efeitos orwelliano, empregando meios huxleyanos. Nesse sentido, pode-se inferir que existe uma tênue linha que separa o mal líquido do mal sólido, nos regimes políticos. Em suma, a figura da solidez representada fisicamente pelo mal não descarta a representação metafísica do mal, ou seja, na democracia a força física, coercitiva, impositiva é alcançada pela via do medo líquido, pela manipulação das mentes, pela falsa sensação de liberdade, pela propagação da desconfiança, do ódio, da vitimização e da ausência de alternativas.

Orwell, por ser um legítimo profeta do totalitarismo, por captar a verdadeira essência da tragédia do Leste da Europa, também traçou uma rígida linha divisória, que de um lado delineava o patriotismo (modo de viver, de conexão humana) e do outro o nacionalismo (superioridade de uma nação em relação à outra), “enquanto o patriotismo é silencioso e defensivo, o nacionalismo é ofensivo e agressivo” (p. 106). Compreende-se que o nacionalismo favorece um conjunto de pessoas em detrimento de outras, pelo fato de não se enquadrarem nas ideias hegemônicas dos governantes – originando os grandes conflitos mundiais. Enquanto o patriotismo é espontâneo e consiste em sua essência, a tomada de decisões para o bem comum. Com base no pensamento orwelliano, em que o desespero humano é retratado na anulação da liberdade dos indivíduos, pela existência da permutabilidade dinâmica como fusão da paz com a guerra, pois ambas coexistem no mundo. Entretanto, as expressivas guerras abroham tratados de paz que são incapazes de produzir uma paz universal, estes continuam a serem elaborados conforme as vicissitudes para produzirem uma ordem de paz, pois, em todos os panoramas existenciais humanos existe a possibilidade de conflitos.

No capítulo 3, “*Onde podem ser encontradas as grandes promessas da modernidade? Medo e delírio no admirável mundo novo*”. A frase que nomeia o referido capítulo fundamenta-se no romance “*Admirável Mundo Novo*”, de Huxley, que denuncia o descompasso entre o desenvolvimento tecnológico e os sentidos da vida humana, considerando que os avanços nas tecnologias digitais potencializaram a cultura do esquecimento, ocasionando uma espécie de amnésia pública produzida pela manipulação da consciência histórica das pessoas. A verdade na política é vista como sucesso, dito de outro modo, o fracasso é fadado à morte por ser condenado como fiasco e vexame, sendo que a verdade é tudo aquilo que está presente na memória como êxito. Diante disso, a vitimização, diferente de duas décadas (em que as pessoas pensavam em alternativas para recuperar o senso de autoestima, dignidade e confiança), todavia na contemporaneidade, a autovitimização é identificada como um martírio, no qual as pessoas se contrapõem as outras, vislumbrando que o pior está por vir.

Nesse contexto de vitimização, o sucesso político encontra-se na capacidade de rever a memória histórica – Churchill afirmava que a história é escrita pelos vencedores. E a traição tornou-se, então, elemento de sorte instrumentalizada que priva a essência humana e isola as pessoas uma das outras e o fracasso moral da humanidade é assumir a responsabilidade da vida de outrem. Visivelmente, a população tem demonstrado insatisfações com o tempo presente e teme por repetir a história que está entre os sentimentos e as condições impulsivas do mundo

cotidiano, cujo resultado dessa insatisfação é a perda temporal político-social. Assim, o corrente século encontra-se energeticamente com os séculos XIX e XX. Fato destacado, quando os autores citam a observação de Angela Merkel, acerca de Putin, que vive em outra realidade política. Não diferente, ocorre no Brasil a primitividade de pessoas associadas ao governo federal, com pensamento excludente, misógino e preconceituoso, que parece viver em um contexto histórico dessincronizado com a realidade social. Destarte, o “profundo descontentamento como tempo presente e a resultante tentação de repetir ou restabelecer a história estão entre os sentimentos e condições mais explosivos de nosso mundo. O resultado disso é a perda de sentido de tempo social e político” (p. 133).

O populismo, como fenômeno específico do século XIX, traduziu habilidosamente e de modo sábio, do privado para o público com grandes capacidades de exploração do medo e do ódio, ambos sentimentos geminados. O ódio originado do nacionalismo produziu um efeito dominó dos massacres ocorridos nas duas grandes guerras mundiais, que não foram produzidos pelo nacionalismo e sim pelo desmoronamento das potências mundiais, em substituições dos antigos e novos regimes que buscaram as remotas posições de poder, bem como concretizar os mesmos projetos totalitários, orientados pelas ideologias mundiais comunistas e nazistas/racistas, em que a submissão torna-se um condicionamento poderoso para servir o propósito principal e essencial como autor (politicamente falando) distópico, desafiador, polemista, irônico e zombeteiro, a exemplos dos modelos políticos de hoje, principalmente com a reinvenção da nova direita brasileira e também na América Latina favorecida pela internet com obsessões pelas questões culturais e ataques ao Estado que desmontou o bem-estar social (CARAPANÃ, 2018).

Do mesmo modo que o nacionalismo e o patriotismo chegaram como forma de autorrealização e autoatendimento, favorecendo um mundo de sentidos opostos e uma sensação de indecisão, imprecisão, incertezas e indeterminações. Nesse contexto, do mesmo modo que a Europa perdeu a confiança nas bases sólidas da própria ordem moral e política, assim também uma parcela significativa desiludida com a política brasileira assistiu à promoção de um personagem que desencadeia sentimentos contraditórios, visto como um “mito”, um herói que veio para salvar a nação brasileira das mazelas sociais, econômicas e políticas. O hodierno medo está pautado em uma ditadura travestida de democracia, com muros invisíveis e uma alienação avivada pelo consumismo e pela diversão. Isso fará com que os indivíduos retornem à caverna de Platão (2000) e sentindo-se com amor a prisão.

As raízes do mal líquido serão enfraquecidas se houver uma educação emancipadora para desnudá-las, no sentido de Paulo Freire (2013), como possibilidade de proporcionar mudanças de comportamento e atitudes das pessoas para o exercício consciente da cidadania. E para chegar ao equilíbrio é necessário afastar o medo e o delírio, do “mundo novo”, com os desafios pedagógicos como prática de solidariedade humanizadora, em que os seres humanos não sejam vistos apenas como dados nas estatísticas.

No quarto capítulo, “*Sombras de ancestrais esquecidos? Revisitando o maniqueísmo*”, é afirmado que ao pensar em termos de polaridades, o maniqueísmo possui seus encantos e se insere nos pensamentos políticos e filosóficos, deixando o vestígio que o fatalismo e o determinismo moderno do lume a mensagem “não há alternativas”. Diante de uma abundante explicação política e histórica, por meio da literatura e dos roteiros cinematográficos, os autores esclarecem que o conceito de cultura moderna amoral elucida que as relações entre os sujeitos vitimizados e as elites revelam vínculos com várias teorias deterministas, por vez que o mundo é controlado por grupos poderosos em que os evasivos. Uma passagem citada no livro, em que autores como Zamiátin, Orwell e Huxley enfatizam uma pegada maniqueísta, por acreditarem na coexistência do mal, envolto pelo pensamento de que “não há alternativa”, isso, de certo modo, assemelha-se à teologia do mal. Evidentemente, o maniqueísmo tem como conceito-chave a crença de que não existe um bem onipotente e sim um equilíbrio entre o bem e o mal. Nesse equilíbrio, o ser humano encontra-se na *Res extensa*, a parte ruim (a escuridão) e na *Res cogitans*, a parte boa (a luz). Com efeito, a visão pessimista dos autores traduz que se vive em um mundo onde não há alternativas, sendo este pretexto para toda e qualquer violação da liberdade humana, ocorrendo na passagem da ausência de alternativa da classe das utopias para as distopias, pois a utopia (apresentada na modernidade sólida) é excessivamente boa para ser praticada. Já a distopia (na modernidade líquida) parece ser demasiadamente má para ser exercida. Assim, “[...] todas as utopias que prognosticaram ou acompanharam o nascimento da era moderna rascunharam os contornos do NHA [...]” (p. 187).

Ora, a revolução tecnocrática silenciosa na Europa não é elevação de uma e-democracia. Essa ideia não é um fenômeno isolado, pois na era das tecnologias digitais de comunicação, os países têm se convertido em unidades extraterritoriais, justamente pelo fato das pessoas estarem *on line* ou *off line* com as diversas questões e/ou problemas de suas nações. Entende-se que as novas tecnologias digitais das informações, como *Facebook*, *Twiter*, *Instagram* ou *WhatsApp*,

conseguiram rescindir a hegemonia da televisão nas campanhas eleitorais – no caso do Brasil, o antipetismo, a anticorrupção e o conservadorismo patriota foi amplamente difundido, principalmente no *Facebook* no “campo que se estrutura em torno da narrativa antipetista e cuja formação data do fim 2013” (RIBEIRO, 2018, p. 90).

Avulta-se que nas redes sociais, mesmo com as autoridades e os meios de comunicação em obstar a falta de informações, não foram capazes de evitar que fossem postadas informações e notícias falsas, as *Fake News* – que não têm relação com a liberdade de expressão -, gerando assim equívocos no processamento mental dos conteúdos noticiados. Isso coaduna com a manifestação do mal líquido, pois houve, nas últimas eleições, a ausência de racionalidade e a propagação de um marouço embebido no discurso emocional que motivou as opiniões e influenciaram a decisão dos votos nas redes sociais. Como encerramento, os autores, reafirmam que as pessoas vivem em um mundo sem alternativas, afogados em crenças fatalistas e na indústria do medo. Diante dessa ótica pessimista questiona-se quem é o pessimista? “Um otimista bem-informado [...] ou um otimista inteligente” (p. 200). Ressalta-se que o otimismo não é sinônimo de maravilha e também não é antônimo de profecias apocalípticas. O otimismo indica que o mal é efêmero, sendo dotado de impossibilidade para extinguir a humanidade.

Acredita-se que o mal líquido molda-se, fluidamente, conforme os recipientes em que esteja contido, o bem também ocorre assim. Caso o mal líquido prevaleça na sociedade, há possibilidade de exaustão e extinção do Estado, uma vez que o estado de natureza humana afloraria, resultando em um campo minado de disputas e medos que abrohariam uma guerra, conforme exposto na obra *Leviatã*, de Thomas Hobbes (2003). Perante esse estado de guerra, o medo impulsionaria os indivíduos a se reconhecerem, enquanto sujeitos de direito. Assim, a ordem se estabeleceria de modo estratégico, movido pelo medo de perder a vida, surgiriam os acordos (positivação de atitudes sápiens e conscientes de proteção à vida), oriundas da organização de uma nova sociedade civil. Mesmo nesse contexto caótico, movido pelas disputas e pelas guerras, o novo processo autoeducativo e a nova organização da sociedade civil não conseguiriam afastar o mal integralmente e sim controlá-lo através de novas bases do contrato social (originaria um novo direito). Entretanto, mesmo aqueles que acreditam na inexistência de alternativa, sempre as terão, contrapondo a inexistência apocalíptica da humanidade, conforme observada na obra mencionada, ainda que sejam de feitos cíclicos.

## Referências

BAUMAN, Zygmunt; DONSKIS, Leonidas. **Mal líquido**: vivendo num mundo sem alternativas. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2019.

CARAPANÃ. A nova direita e a normalização do nazismo e do fascismo. GALLEGO, Esther Solano. (org.). **O ódio como política**: a reinvenção das direitas no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2018. p. 33-40.

CAVACO, Nanci Azevedo. **Consumismo é coisa da sua cabeça**: o poder do neuromarketing. Rio de Janeiro: Ed. Ferreira, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 45. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

HOBBS, Thomas. **Leviatã ou matéria, forma e poder de um Estado eclesiástico e civil**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

PLATÃO. **A República**. 3. ed. Belém: EDUFPA, 2000.

RIBEIRO, Marcio Moretto. Antipetismo e conservadorismo no facebook. *In*: GALLEGO, Esther Solano. (org.). **O ódio como política**: a reinvenção das direitas no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2018. p. 85-90.